

XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013)
GT 6: Informação, Educação e Trabalho

Comunicação Oral

**AÇÕES DE INFORMAÇÃO PARA COMPETÊNCIAS NA FORMAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA**

Isa Maria Freire - UFPB
Gustavo Henrique de Araújo Freire - UFPB

Resumo

Relata ações de pesquisa no projeto “Competências em informação em redes virtuais de aprendizagem: ação na rede pública de ensino de João Pessoa – PB”, na perspectiva do modelo de regime de informação de González de Gómez. Argumenta que a Ciência da Informação tem a possibilidade de promover processos inclusivos na sociedade, provando possuir um caráter epistemológico fundamentado na responsabilidade social do campo científico. Discorre sobre a relação interdisciplinar entre Ciência da Informação e Educação, destacando a questão de competências para profissionais em formação, no ensino universitário. Caracteriza os estratos e modalidades das ações de informação, no âmbito do projeto. Utiliza a metodologia da pesquisa-ação proposta por Thiollent, de modo a criar um espaço de aprendizagem para os pesquisadores nos vários níveis de atividades da pesquisa. Destaca as ações propostas no contexto do regime de informação na sociedade em rede, bem como os seus atores, dispositivos e artefatos. Considera que as ações empreendidas promovem competências nos universitários participantes, ao mesmo tempo em que constituem objetos de informação de acesso livre na Internet e de interesse para docentes e discentes do ensino médio.

Palavras-chave: Competências em informação. Biblioteconomia – Formação profissional. Regime de informação. Sociedade em rede.

SHARES OF INFORMATION FOR SKILLS IN TRAINING LIBRARIAN

Abstract

Reports research actions in the project "Skills in information networks in virtual learning: action in the public schools of João Pessoa - PB" in view of the regime model information González Gómez. Argues that information science has the possibility of promoting inclusive processes in society, proving to have an epistemological social responsibility based on the scientific field. Discusses the relationship between interdisciplinary Information Science and Education, highlighting the issue of competencies for professionals in training. Characterizes the strata and modalities of information actions under the project. Uses the methodology of action research proposed by Thiollent in order to create a learning space for researchers at various levels of research activities. Highlights the actions proposed in the project scope as well as the actors, devices and artifacts in the context of the information system in the network society. Considers that the actions undertaken promote skills in university participants, while constituting objects of information freely accessible on the Internet of interest to teachers and students of the school.

Keywords: Information literacy. Library - Training. Information regime. Network society.

1 INTRODUÇÃO

Esta comunicação relata as primeiras reflexões no âmbito do projeto “Competências em informação em redes virtuais de aprendizagem: ação na rede pública de ensino de João Pessoa – PB”, em desenvolvimento no Mestrado Profissional Gestão em Organizações Aprendentes (MPGOA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Trata-se de proposta de ações para competências no ensino universitário, com vistas a produzir artefatos virtuais para acesso à informação de interesse para docentes e discentes do ensino médio.

O ponto de partida do projeto é a possibilidade de promover uma ação interdisciplinar de informação, integrando Educação e Ciência da Informação, de modo a promover competências em tecnologias intelectuais em alunos de graduação em Biblioteconomia. É nesse sentido que entendemos a Ciência da Informação como “padrão que une” *fios conceituais* (FREIRE, 2001) e dá sentido a abordagens teóricas e metodológicas sobre problemas de informação, na sociedade.

Em nível operacional, o projeto integra a rede de pesquisa-ação do Laboratório de Tecnologias Intelectuais – LT*i*, do Departamento de Ciência da Informação da UFPB, atuando em parceria com outros projetos de pesquisa direcionados a competências em informação no campo da Educação. Nessa rede acadêmica de comunicação para aprendizagem, os participantes tem oportunidade de apreender e compartilhar tecnologias e fontes de informação relevantes, produzindo conteúdos digitais de interesse para o ensino médio.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO: A ESCOLA NA SOCIEDADE EM REDE

Nesta seção, tecemos a rede teórica que fundamenta nossa abordagem nesta ação de informação para competências na graduação em Biblioteconomia da UFPB, cujo objetivo é produzir artefatos virtuais de interesse para o ensino médio. É dada uma especial atenção ao papel da escola e de modo particular ao ensino universitário, *locus* privilegiado nesta pesquisa, no que concerne à formação de futuros gestores de unidades de informação.

2.1 A ESCOLA NO CONTEXTO DA INFORMAÇÃO

A mudança de paradigma tecnológico ocorrida nas últimas décadas do século XX representa uma profunda remodelação na organização da sociedade e da economia, em nível mundial, e teve início efetivamente na década de 1970, com o desenvolvimento e

disseminação das tecnologias digitais de informação e comunicação, em especial do computador e da internet.

Certamente, mais do que um processo de transformação social e cultural, a sociedade em rede representa a materialização de um paradigma, “organizado em torno [de] tecnologias de informação, mais flexíveis e poderosas”, e que emerge a partir do momento em que a informação assume o papel de ‘fator-chave’ no desenvolvimento das forças produtivas: “a informação, [que] embora tenha sempre desempenhado papel crucial para a economia, torna-se, agora, o próprio produto do processo produtivo (CASTELLS, 1999, p.89)

Abordando a questão da informação na sociedade contemporânea, González de Gómez (1997) destaca a necessidade de situar os acontecimentos e processos (culturais, organizacionais, produtivos, políticos) em diferentes planos de integração, considerando a complexidade dos elos que entrelaçam o local e os mundos externos, em todas as suas manifestações. Em decorrência, as ações dos atores sociais que trabalham com a informação deveriam ser estratificadas de modo a promover os fluxos de informação em todos esses diferentes planos. Isto significaria não somente promover o acesso a redes de informação globais para atores locais, mas também estabelecer conexões entre os espaços locais e globais, com dois tipos de procedimentos:

- a) **extrativo**, de modo que os atores locais se apropriem das informações disponíveis na rede;
- b) **produtivo**, para que os atores locais confirmem sua presença argumentativa, econômica e política nos espaços das redes globais (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1997, p.23).

Nesse contexto, a autora entende a Ciência da Informação como

Aquela que estuda fenômenos, processos, construções, sistemas, redes e artefatos de informação, enquanto ‘informação’ for definida por **ações de informação** as quais remetem aos atores que as agenciam aos contextos e situações em que acontecem e aos regimes de informação em que se inscrevem. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003b, p.61. Grifo nosso)

E, nesse sentido, propõe que

[...] as **ações de pesquisa** e as **ações de informação** integrarão um mesmo domínio de orientações estratégicas e, em consequência, a política e gestão da Informação formarão parte do mesmo plano decisional e prospectivo ao qual pertence a política e gestão da ciência e da tecnologia – agora reunidos em um só paradigma epistêmico-administrativo. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003b, p.64. Grifos nossos)

Por sua vez, um regime de informação é definido por González de Gómez (1999a, p.24) como

[um] conjunto mais ou menos estável de redes sociocomunicacionais formais e informais nas quais informações podem ser geradas, organizadas e transferidas de diferentes produtores, através de muitos e diversos meios, canais e organizações, a diferentes destinatários ou receptores, sejam estes usuários específicos ou públicos amplos. [O regime] está configurado, em cada caso, por plexos de relações plurais e diversas: intermediáticas; interorganizacionais e intersociais. [Sendo constituído] pela figura combinatória de uma relação de forças, definindo uma direção e arranjo de mediações comunicacionais e informacionais dentro de um domínio funcional (saúde, educação, previdência, etc.), territorial (município, região, grupo de países) ou de sua combinação.

Assim posto, a autora aborda a informação enquanto ação de informação na perspectiva de que estas constituem um conjunto de estratos heterogêneos e articulados, a saber:

- a) ação de **informação** (semântico-pragmática), estrato polimórfico que se define nos inúmeros setores da produção social sob a forma de ações narrativas;
- b) ação de **meta-informação**, estrato regulatório definido nos espaços institucionais do Estado, do campo científico, da educação formal, da legislação e dos contratos;
- c) ação de **infra-estruturas de informação**, estrato mimeomórfico dos objetos de informação, “definido na indústria e nos mercados das tecnologias, das máquinas e dos produtos” mediante “ações tecnoeconômicas, normas técnicas modelos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.34).

A autora concorda com Collins e Kush (1999, p.19) em que estratos ou dimensões das ações de informação admitem outra leitura, conforme se trate de ações polimórficas ou ações mimeomórficas, reconhecendo três modalidades de manifestação de uma ação de informação, conforme o contexto de sua constituição em um dado regime de informação:

- a) de **mediação**, quando a ação de informação fica atrelada aos fins e orientação de uma outra ação;
- b) **relacional**, quando uma ação de informação tem como finalidade intervir numa outra ação de informação, de modo que – ainda quando de autonomia relativa – dela obtém a direção e fins;
- c) **formativa**, aquela que é orientada à informação não como meio mas como sua finalização. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.35)

Além das ações, no modelo de González e Gómez também são elementos constituintes de um regime de informação:

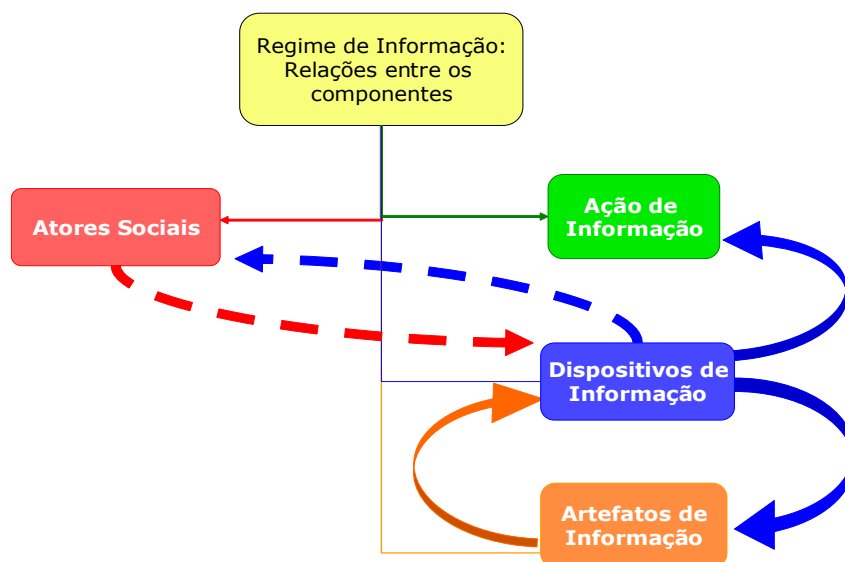
os **Dispositivos de informação**, que podem ser considerados um mecanismo operacional, ou um conjunto de meios composto de regras de formação e de transformação desde o seu início, ou como González de Gómez (1997, p.26) exemplifica, como “um conjunto de produtos e serviços de informação e das ações de transferência de informação”.

os **Atores sociais**, “que podem ser reconhecidos por suas formas de vidas e constroem suas identidades através de ações formativas existindo algum grau de institucionalização e estruturação das ações de informação”. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.36).

3. os **Artefatos de informação**, que são os modos tecnológicos e materiais de armazenagem, processamento e de transmissão de dados, mensagem, informação. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, 2003a).

A seguir, apresentamos uma representação gráfica das relações entre os elementos que constituem um regime de informação:

Figura 1 – Representação gráfica dos elementos do regime de informação



Fonte: DELAIA, 2008.

Na abordagem de González de Gómez (2003), as ações de pesquisa e as ações de informação integram um mesmo domínio de orientações estratégicas: desse modo, política e gestão da informação fazem parte do mesmo plano prospectivo e gerencial. Assim, é possível propor uma ação que possibilite a reunião dessas ações em um dado espaço social, de modo a promover a inclusão de grupos ou comunidades na sociedade em rede.

É nesta perspectiva que trazemos a escola para o campo de aplicação da Ciência da Informação, pois

[...] a escola é aquele lugar por onde todos almejam passar para encontra o seu lugar [...] um espaço de informação ou de exercício da comunicação e de acesso às informações produzidas socialmente. [...] o campo social *escola* é assim um lócus privilegiado para o estudo das praticas informacionais e por aí para uma visão da institucionalização e funcionamento do nosso mundo cultural (MARTELETO, 1992).

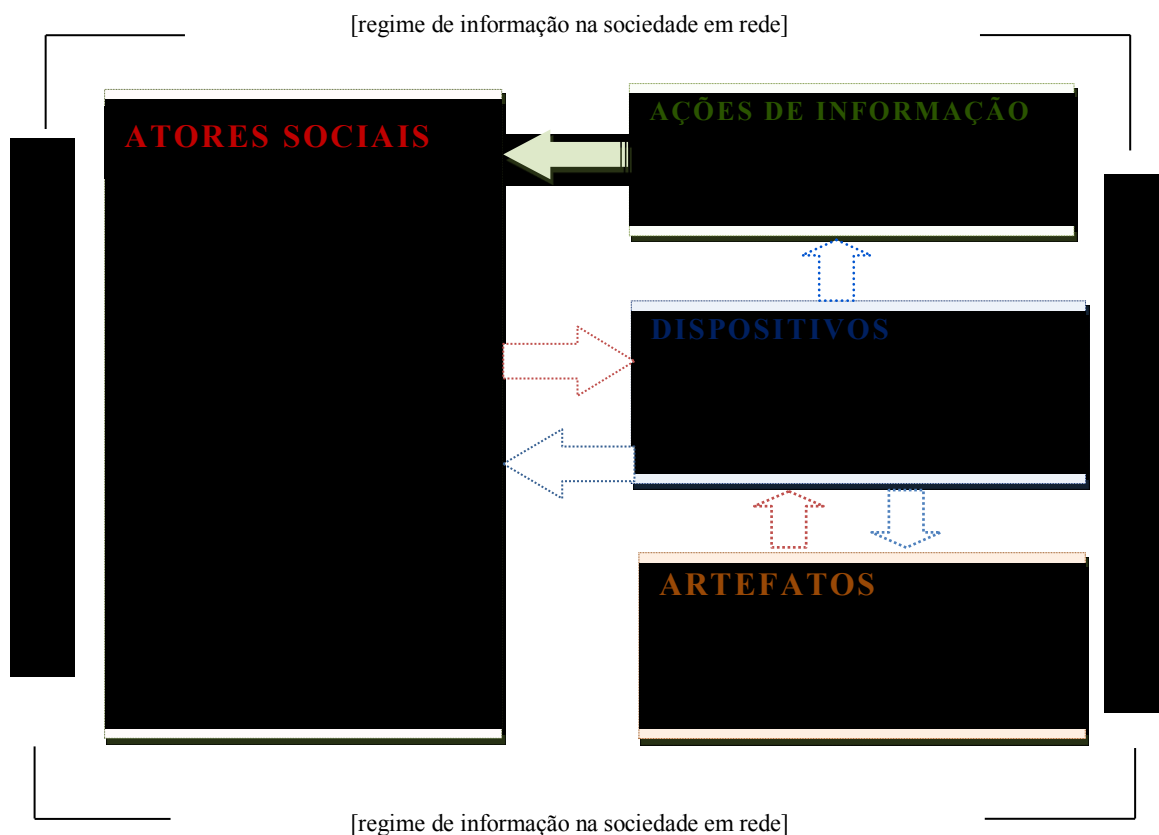
É assim que entendemos a escola como um espaço de entrelaçamento teórico-metodológico entre os campos da Educação e da Ciência da Informação, como propõe Freire (2007). Nesse sentido, Pereira e Freire (1998) observam que o professor pode ser visto na perspectiva da “transmissão de conhecimento para aqueles que dele necessitam”, atividade que suscita uma responsabilidade social que Wersig e Neveling sugerem ser "o fundamento em si para a ciência da informação" (1975, citados por FREIRE, 1995).

Ademais, se a informação ganha cada vez mais relevância o ato de aprender se torna uma necessidade constante para acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade. E quando se fala em “aprender”, logo se pensa em situações de socialização do conhecimento, informais e formais. É nesse contexto que a escola, representada na pesquisa pelo curso de graduação em Biblioteconomia da UFPB, pode ser vista como espaço social para produção geração e transferência da informação e o professor como um agente de informação na sociedade em rede. Destarte, a relevância do processo educacional no desenvolvimento de atitudes críticas que possam resultar em ações transformadoras da realidade social, bem como sua colocação como um dos mecanismos de transferência da informação, pode ser colocada a partir de sua definição como espaço informacional. Afinal, nas palavras de Marteleto (1995, p.12),

[...] apesar da aparente expansão dos espaços informacionais na sociedade [...], com multiplicação das tecnologias de comunicação e informação, a instituição educacional continua operando como vetor da dinâmica cultural, uma vez que a experiência escolar constitui um fator determinante no desempenho e acesso às oportunidades sociais e na assimilação dos meios e produtos culturais.

No escopo do Projeto *Competências...*, as ações se desenvolvem no âmbito do regime de informação local (projeto, pessoas e instituições em parceria) no contexto da sociedade em rede, com sua oferta de espaço para desenvolvimento de competências em tecnologias intelectuais de informação em alunos da graduação em Biblioteconomia. Nesse processo, são criados e compartilhados serviços e produtos de informação a partir de recursos virtuais e fontes fidedignas e relevantes para o ensino médio e sociedade em geral, uma rede de comunicação da informação, como propõe Freire (2007), para facilitar o trabalho de informação na sociedade do aprendizado contínuo. A seguir, diagrama da relação entre elementos do regime de informação do projeto:

Figura 2 – Relação entre elementos do regime de informação no Projeto *Competências...*



Fonte: Adaptado de Delaia, 2008.

Nesse contexto, os elementos necessários para a inclusão informacional devem contemplar não somente o acesso físico à rede Internet e computadores, mas, especialmente, promover a competência em tecnologias intelectuais para as pessoas se utilizarem das mídias virtuais para criar possibilidades de “compartilhamento e criação cultural digitais” (LAZARTE, 2000, p.51). Para o autor,

A forma de se proporcionar este acesso deve estar integrada às condições locais existentes, em termos de suas organizações, tanto quanto em seus referenciais culturais. Centros de produção, criação e compartilhamento cultural (e de acesso à rede) devem estar integrados a associações comunitárias, centros religiosos, igrejas etc (LAZARTE, 2000, p.48)

Esta perspectiva nos permite abordar o processo de compartilhamento de tecnologias intelectuais e digitais como possibilidade para promover competências para profissionais em formação no curso de Biblioteconomia da UFPB, em atividades de busca e organização da informação de interesse para a prática educativa no ensino médio.

2.2 AS COMPETÊNCIAS EM INFORMAÇÃO

Credita-se a introdução da expressão *Information Literacy* – a Paul Zurkowski, bibliotecário norte-americano, presidente da Information Industry Association, que em 1974 apresentou um relatório à National Commission on Libraries and Information Science recomendando um programa nacional para aquisição de competências em informação em uma década. Em 1989, o Comitê Presidencial da American Library Association (ALA) publicou um relatório reconhecendo a importância da *Information Literacy* para a manutenção de uma sociedade democrática. Neste documento, são definidas como competentes em informação as pessoas capazes de

[...] reconhecer quando a informação é necessária e [têm] a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente esta informação [Essas pessoas] aprenderam como aprender. Elas sabem como aprender porque sabem como a informação é organizada, como encontrá-la e como usar a informação de forma que os outros também possam aprender com ela. (ALA, 1989)

Em 1991, Kuhlthau contribuiu para a fundamentação teórica da *Information Literacy* com um estudo sobre o comportamento dos estudantes, concluindo que não se trata apenas de possuir habilidades, mas, sobretudo, de uma maneira de aprender: “a busca de informação é um processo de construção que envolve a experiência de vida, os sentimentos, bem como os pensamentos e as atitudes de uma pessoa” (p.362). Em seguida, Doyle (1994) publicou um trabalho onde narra o desenvolvimento e a crescente relevância da *Information Literacy* para a organização e o desenvolvimento da sociedade contemporânea. Em a, a autora apresenta uma proposta dos atributos para reconhecer uma pessoa como ‘competente em informação’. Esses atributos são:

- Reconhecer que uma informação precisa e correta é a base para uma tomada de decisão inteligente;
- Reconhecer a necessidade de informação;
- Formular questões baseadas em necessidades de informação;
- Identificar fontes potenciais de informação;
- Desenvolver estratégias de pesquisa bem sucedidas;
- Saber acessar diversas fontes de informação, incluindo o computador e outras tecnologias;
- Avaliar a informação;
- Organizar a informação para aplicação prática;
- Integrar informações novas a conhecimentos já adquiridos;
- Utilizar a informação de uma forma crítica e para a resolução de problemas. (DOYLE, 1994, p.3. Tradução livre)

Baseada na literatura especializada, Hattschbach (2002) propõe que as competências em informação sejam vistas como habilidades e capacidades em utilizar a informação e o conhecimento sobre a sistemática, o movimento da informação. Além da capacitação no uso das ferramentas para a recuperação da informação, a autora inclui nesse conjunto o

conhecimento de fontes, o pensamento crítico, a formulação de questões, a avaliação, a organização e a utilização da informação. Nesse sentido, Belluzzo (2001), em trabalho sobre a questão da educação na Sociedade da Informação, afirma que a “gestão da informação — nos diferentes níveis: pessoais, organizacionais e sociais — é o grande desafio dos tempos atuais, constituindo-se no próximo estágio de alfabetização do homem” (BELLUZZO, 2001). No mesmo texto, a autora o processo de ensino-aprendizagem deveria centrado “na fluência científica e tecnológica e no saber utilizar a informação, criando novo conhecimento”.

Assim, a informação mostra-se como fundamento material do conhecimento, ao mesmo tempo em que seus conceitos são considerados complementares àqueles. É assim que depois da “sociedade da informação” estamos vivendo na “sociedade da informação e do conhecimento”, um termo composto que abrange tanto o aspecto tácito quanto o aspecto explícito do conhecimento: o primeiro guardado no íntimo do sujeito, difícil de mensurar e avaliar, pois depende de experiências individuais; o segundo, expresso em palavras, textos, códigos e mediante o uso da linguagem formal.

Em sua abordagem sobre a *organização do conhecimento*, Choo (2006, p.36-37) entende que a construção do conhecimento acontece quando o relacionamento sinérgico entre os conhecimentos tácito e explícito é reconhecido dentro do próprio órgão, bem como quando são criados processos capazes de fazer surgir novos conhecimentos por meio da transformação do conhecimento tácito em conhecimento explícito. Nesse modelo, o processo de conversão do conhecimento tácito para o conhecimento explícito é fundamental para o verdadeiro aproveitamento da experiência e do aprendizado dos indivíduos em uma organização, uma vez que são tipos de conhecimentos complementares. Nessa perspectiva, organizações do conhecimento — como um curso universitário, p.ex. — podem desenvolver ações que privilegiem o aprendizado voltado para a melhoria de processos de ensino, gestão e compartilhamento de conteúdos. Pois, como esclarece Angeloni (2002, p.37), “Uma organização do conhecimento corresponde àquela em que o conjunto de saberes individuais e coletivos compartilhados pelo grupo é tratado como um ativo valioso, que possibilita a compreensão e a superação das contingências ambientais”.

Enfim, essa é a rede teórica que fundamenta nossa ação de informação para acesso a fontes de informação na web mediante competências em tecnologias intelectuais de processamento e comunicação da informação, as quais podem ser vistas “tanto [como] condição quanto [como um] campo de experimentação de novas práticas de informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2004, p.57).

3 PROCEDIMENTOS E MODALIDADE DAS AÇÕES

A abordagem metodológica do projeto se pauta no caráter interativo presente tanto nas tecnologias digitais de informação e comunicação quanto na participação da comunidade no processo de construção de interfaces de organização e comunicação da informação. Nesse sentido, adotamos os modelos da Pesquisa-Ação de Thiollent (1997; 2000).

Em nível operacional, o projeto é desenvolvido em parceria com a rede de projetos do Laboratório de Tecnologias Intelectuais – L*Ti* e em conformidade com o método de projeto, considerado por Lück (2003, p.13) como uma “ferramenta básica do gestor, que [...] fundamenta, direciona e organiza a ação de sua responsabilidade [e] possibilita o seu monitoramento e avaliação”.

Os pesquisadores docentes e discentes participam da rede através de projetos em desenvolvimento ou em fase de discussão dos seus resultados. As atividades são diferenciadas em operações e atores sociais, mas integradas no espaço de compartilhamento de informações científicas e tecnológicas da pesquisa. Dessa forma, as ações desenvolvem entre os participantes uma sinergia para o trabalho a ser empreendido, além de gerar comprometimento com a efetiva construção de condições para sua realização, com o propósito de promover benefícios às pessoas e organizações. Representam, também, a oportunidade para os pesquisadores proponentes tecerem, no tear da Ciência da Informação, um padrão que (re)una informação e tecnologias intelectuais em nível da integração entre pesquisa e ensino, na práxis acadêmica.

Nesse sentido, observamos que as atividades podem ser vistas como “ações de informação, as quais remetem aos atores que as agenciam, aos contextos e situações em que acontecem e aos regimes de informação em que se inscrevem”, como propõe González de Gómez (2003b, p.61) sobre o campo de interesse da Ciência da Informação. Ademais, o uso de termos como “compartilhamento de recursos de informação”, “contribuir de forma propositiva” e “promover oportunidades para transferência de tecnologias intelectuais” nos dá pistas sobre o pressuposto dessas atividades, qual seja a responsabilidade social da Ciência da Informação, na sociedade contemporânea.

Com relação à caracterização dos estratos e modalidade da ação de informação em desenvolvimento, cabe lembrar que esses estratos são heterogêneos e articulados, ocorrendo “de modo paralelo e simultâneo ao longo de todo o desenvolvimento de uma atividade ou processo” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.33). No presente exercício, a caracterização da ação de informação em um ou outro estrato tem uma finalidade heurística, auxiliando na percepção da aplicação das categorias teóricas à prática da pesquisa e desenvolvimento.

Identificamos, nas ações em desenvolvimento no projeto, características do estrato semântico-pragmático (**informação**), por se tratar de projeto direcionado ao setor científico e tecnológico da produção social, particularmente à comunidade de discentes do curso de graduação em Biblioteconomia da UFPB. Nesse sentido, o aspecto polimórfico da ação expressa as “heterogeneidades e singularidades dos [mundos de vida] dos sujeitos”, como esclarece González de Gómez (2003a, p.34) em relação às características desse estrato, procurando atender tanto aos pesquisadores quanto aos profissionais em formação.

Na perspectiva do estrato de **meta-informacional**, observamos que as atividades do projeto se inserem nos espaços do *Estado* (mediante as políticas governamentais de ensino universitário), do *campo científico* (sendo um projeto de pesquisa na pós-graduação) e da *educação formal* (vinculado a instituição de ensino superior e com vistas à apropriação dos resultados pelo ensino médio).

É neste domínio regulatório que:

[...] se estipula o domínio relacional [...] dentro do qual algo apresenta ou representa um valor de informação [...] o contexto a partir do qual aquilo que adquire caráter de informação pode desenvolver valores cognitivos, constituir evidências probatórias, servir de apoio a decisão ou ser insumo de ações instrumentais. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.35).

Este é o domínio relacional onde o projeto assume a feição de informação em si, atendendo aos objetivos propostos nos três níveis da atividade universitária, quais sejam ensino – pesquisa – extensão, criando, nesse processo, evidências comprobatórias sobre a validade dos pressupostos teóricos da pesquisa e dos seus resultados na sociedade.

Por fim, o estrato mimeográfico de **infra-estruturas de informação**, “definido na indústria e nos mercados das tecnologias, das máquinas e dos produtos [... mediante ações tecno-econômicas, normas técnicas, modelos” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.35), diz respeito aos objetos de informação (dispositivos e artefatos) criados pelas atividades do projeto. Este estrato:

Remete àquilo que disponibiliza e deixa disponível, como sua mediação sócio-cultural, um valor de informação, e que poderíamos caracterizar como ação tecnoeconômica — de antecipação estruturante na configuração da ação/informação. Para referirmo-nos a tudo aquilo que, como matéria informada, mediação maquínica ou como passado instituído do mundo social, condiciona e limita uma ação de informação, poderíamos falar de ‘dispositivos de informação’ ou de ‘artefatos de informação’ — ou, preferimos hoje — ‘objetos relacionais’, quando enfatizamos a instância da inscrição e objetivação de um testemunho ou evidência informacional como objeto cultural. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.65).

Nesse contexto, “os atores sociais estão de acordo em seus conceitos porque [...] partilham uma realidade de ações possíveis e estão de acordo em suas ações [desde que partilhem] uma rede comum de conceitos” (COLLINS; KUSH, 1999, p.11 citados por

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2003a, p.36). Essa rede comum se traduz, efetivamente, em uma cultura informacional compartilhada pelos atores sociais envolvidos em todos os níveis de atividade do projeto, os quais constituem a ‘forma de vida’ dessa comunidade.

Dessa forma, o projeto se caracteriza como uma ação de informação de interesse para os campos da informação e da educação, por estar direcionada para uma ‘forma de vida’ constituída “pelas interações duradouras de um grupo que partilha de atividades, situações e experiências comuns”, conforme González de Gómez (2003a, p.36), no espaço acadêmico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas reflexões nos levam a começar a entender os benefícios que uma parceria entre os campos da Ciência da Informação e da Educação pode proporcionar tanto ao ensino universitário quanto ao ensino médio, especialmente pelo uso de recursos tecnológicos que promovam as competências necessárias à qualificação em formação.

No espaço acadêmico, no compartilhamento de informação e conhecimento, pesquisadores e aprendizes do Projeto Competências..., atuam para facilitar a transmissão do conhecimento para aqueles que dele necessitam, como propõem Wersig e Neveling (1975). Nesse processo, tanto produzem, a partir de fontes de informação na web, quanto disseminam informações de interesse para o ensino médio, as quais representam oportunidades de criação de novos conhecimentos na sociedade em que vivemos.

De modo que esperamos, com as ações de informação em desenvolvimento, contribuir para discussão e elaboração de modelos para competências em informação no espaço de formação acadêmica, com vista a atender demandas de informação na sociedade.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. **Presidential Committee on Information Literacy**. Chicago: ALA, 1989. Final report. Disponível em: <http://www.ala.org/acrl/nili/ilit1st.html>. Acesso em 2006.

ANGELONI, M. T. (Org.). **Organizações do conhecimento**: infra-estrutura, pessoas e tecnologias. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.

BELLUZZO, R.C.B. A information literacy como competência necessária à fluência científica e tecnológica na sociedade da informação: uma questão de educação. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DA PRODUÇÃO DA UNESP, 7., 2001. **Anais...** São Paulo: UNESP, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHOO, C.W. **A Organização do Conhecimento**: Como as organizações usam as informações para criar significado, construir conhecimento e tomar decisões. 2ed. São Paulo: Editora Senac, 2006.

COLLINS, H. M.; KUSH, M. **The shape of actions**: what humans and machines can do. Cambridge, Mass: MIT Press, 1999.

DELAIA, Cláudia Regina. **Subsídios para uma política de gestão da informação na EMBRAPA Solos, Rio de Janeiro**. 2008. Dissertação (Mest. Ci. Inf.). Niterói: IBICT: UFF, 2008.

DOYLE, C. **Information literacy in information society**: a concept for the information age. NY: ERIC Clearinghouse on Information & Technology; Syracuse University, 1994.

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. O trabalho de informação na sociedade do aprendizado contínuo. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 17, n. 3, p. 39-45, set./dez. 2007.

FREIRE, I.M. Informação e Educação: parceria para inclusão social. **Inclusão social**, v. 2, n. 2, p. 142-145, abr./set. 2007.

FREIRE, I.M. **A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico**. 2001. Tese (Dout. Ci. Inf.). Rio de Janeiro: IBICT: UFRJ, 2001.

_____. Informação; consciência possível; campo. Um exercício com construtos teóricos. **Ciência da Informação**, v. 24, n.1, 1995.

GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M.N. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. **Ciência da Informação**, v.33, n.1, 2004.

_____. As relações entre ciência, Estado e sociedade: um domínio de visibilidade para as questões da informação. **Ciência da Informação**, v. 32, n. 1, p. 60-76, 2003b.

_____. Escopo e abrangência da Ciência da Informação e a Pós-Graduação na área: anotações para uma reflexão. **Transinformação**, v. 15, n. 1, p. 31-43, 2003a.

_____. Novos cenários políticos para a informação. **Ciência da Informação**, v.31, n. 1, p. 27-40, 2002.

_____. O caráter seletivo das ações de informação. **Informare**, v. 5, n. 2, p. 7-30, 1999b.

_____. Da política de informação ao papel da informação na política contemporânea. **Revista Internacional de Estudos Políticos**, v.1, n.1, p.57-93, 1999a.

_____. A globalização e os novos espaços da informação. **Informare**, v.3, n.1/2, 1997.

KUHLTHAU, Carol. Inside the search process: information seeking from the user's perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, v.42, n.5, 1991.

LAZARTE, L. Ecologia cognitiva na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, v.29, n. 2, 2000.

LÜCK, H. **Metodologia de projetos**: Uma ferramenta de planejamento e gestão. 2ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. **Informare**, v.1, n.2, 1995.

_____. **Cultura, educação e campo social: discursos e práticas de informação**. 1992. Tese. (Dout. Com. Cult.). Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.

PEREIRA, A.C.; FREIRE, I.M. Atualização técnico-científica do professor do ensino médio: uma abordagem na ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.2, n.2, jul./dez. 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 10. ed. São Paulo: Cortez Ed., 2000.

_____. **Pesquisa-Ação nas organizações**. São Paulo: Atlas, 1997.

WERSIG, G., NEVELING, U. The phenomena of interest to information science. **The Information Scientist**. v.9, n.4, 1975.